

Depredação pode fechar escola

Mais de 114 mil alunos poderão ficar sem escola, a partir do próximo ano, se a Fundação Educacional do DF não iniciar uma reforma urgente nas 953 salas de aulas, da rede oficial, que se encontram funcionando em estado precário. A informação é do presidente da União Metropolitana de Estudantes Secundaristas de Brasília (Umesb), Adriano Reis, que, esteve, ontem, reunido com o diretor executivo da FEDF, professor José da Silva Quintas.

A reunião foi realizada no Centro de Ensino nº 07 do Complexo "A" da Ceilândia, com início às 11h00. O local da reunião mostrou bem a situação típica das escolas da Fundação: uma sala de aula completamente escura e com as instalações danificadas, o piso coberto de terra, papel por todo canto, vidraças cobertas de poeira, cadeiras quebradas, paredes e quadro negro pichados.

Mas o estado de precariedade não constrangeu o professor Quintas, que entrou na sala sorridente, onde ainda estavam presentes alguns alunos. O diretor da FEDF pegou na mão de dois deles, quando cumprimentava a turma, e pediu até para ver a tarefa de um outro. E, entre a sujeira, escuridão e o calor, a reunião se desenvolveu com a presença de três membros da Umesb, 30 alunos, dois pais e cinco professores, além da diretora da escola, Marisa Guimarães de Moraes.

Perdas

O presidente da Umesb explicou que a situação das escolas se tornou um problema muito sério para a comunidade estudantil, uma vez que está arriscada a perder 953 salas de aula. Muitas já estão interditadas e, para sanar o problema, a Fundação Educacional tem implantado o "horário de fome". Outras, segundo Adriano Reis, não estão em condições de funcionamento e provavelmente serão interditadas no final deste semestre.

Como as 943 salas de aula comportam 40 alunos cada, o total de estudantes prejudicados por esta medida chegaria a 38.120. E se este número for multiplicado, pelos três turnos, subirá para 114.360 alunos, que poderão ficar sem escola no próximo ano. Ou então os estudantes se submeterão ao turno da fome, que segundo a diretora de apoio pedagógico da Fundação Educacional, Alda Iza Lima, "é totalmente inviável". Ela explicou que, no horário intermediário, de três horas e meia, acaba sendo aproveitadas menos de três horas com ensino, se for descontado o tempo gasto com a organização na entrada e saída dos alunos, e o horário do lanche.

Segundo explicou a professora, este horário provoca uma redução na carga horária anual de 160 horas. Com a passagem de quatro para três horas de aula, o estudante perde 20 horas de aula por mês. "Por isto, o horário intermediário não dá para atender as necessidades do aluno, nem para oferecer um ensino adequado", afirmou.

A primeira interdição, entretanto, já foi feita pelo Departamento de Engenharia da Fundação Educacional, em Planaltina-DF. Segundo a diretora de Engenharia, Maria da Graça Gondim, o prédio não estava mais em condições de continuar funcionando. Ela adiantou, ainda, que da dotação orçamentária, para 1987, na ordem de Cz\$ 1,1 bilhão enviada pela FEDF ao GDF, em 1986, para construção de 313 salas de aula e 62 reformas, foram liberados apenas Cz\$ 90 milhões. Portanto foram construídas apenas 15 salas de aulas e efetuadas duas reformas: uma em Taguatinga e outra na Asa Norte.

De acordo com as declarações de José Quintas, o Distrito Federal não vai resolver, tão cedo, o seu déficit de 292 escolas. Ele revelou, durante a reunião, que a proposta orçamentária, feita para 1988, não contempla reformas ou construções. Os Cz\$ 11 bilhões, segundo o diretor da FEDF, serão destinados apenas ao pagamento de pessoal e taxas de manutenção. Para o professor Quintas, "a única saída", agora, é tentar sensibilizar os parlamentares para uma intervenção no orçamento da União, com o objetivo de canalizar algum recurso para a FEDF.



Professores e alunos se reuniram ontem para debater o problema

Vários aparelhos danificados

Dos 222 jogos de vasos e pias, usados para recuperar banheiros de 59 escolas da Fundação Educacional, em fevereiro do ano passado, 220 já estão danificados. Esse dado da FEDF mostra outro tipo de violência que vem ocorrendo nas escolas — a que acontece atrás dos muros, praticada pelos alunos. O diretor executivo da FEDF, José Quintas, defende a reorganização pedagógica do ensino para solucionar o problema.

A violência interna nas escolas é maior nos lugares de população mais carente, como Gama, Taguatinga (mais grave nos setores M Norte e L Norte), Planaltina e Ceilândia. Um exemplo dessa violência, segundo Quintas, ocorreu na comunidade de Pombal, em Planaltina, que em março deste ano recebeu uma escola nova. Hoje, a escola já está precisando de uma série de reparos. "Todas as válvulas instaladas nas descargas dos banheiros foram destruídas, pois os alunos resolveram retirar todos parafusos", relata Quintas.

A Fundação Educacional não tem idéia do prejuízo causado pelo vandalismo anualmente, porque sua contabilidade não discrimina a verba gasta com recuperações normais e a destinada ao conserto dos equipamentos depredados.

Cadeiras e carteiras

Os jogos de cadeiras e carteiras são o alvo predileto dos alunos. Das 50 mil unidades adquiridas, apenas 16 mil ainda estão nas salas de aulas. O restante, segundo José Quintas, está sendo recuperado numa oficina que a Fundação montou no Setor de Indústria e Abastecimento (SIA) especialmente para recuperar as cadeiras e carteiras

menos danificadas e, assim, reduzir o prejuízo. Alguns jogos, entretanto, são irrecuperáveis.

O diretor da Fundação informou que cada jogo custa, em média, Cz\$ 1 mil. "Este é o tipo de material que não temos como comprar", lamentou.

Desde o ano passado, a Fundação Educacional tenta reformar 60 escolas. Para isso, José Quintas disse vem fazendo uma peregrinação pelos gabinetes dos parlamentares do Distrito Federal para encontrar apoio ao pedido de liberação de verba à FEDF. "Nós estamos precisando de Cz\$ 2 bilhões para reformar essas escolas e construir novas salas de aula. Muitas vezes se consegue alguma coisa, mas é necessário desviar verba para outras prioridades", explicou o professor.

Reflexos da crise

Na opinião de Quintas, a escola ainda não aprendeu a lidar com o vandalismo na própria escola, que é um fenômeno novo no DF. "A pedagogia só ensina o professor a lidar com o aluno da classe média. Os ensinamentos desconhecem aquele que, por exemplo, aos 15 anos tem as mesmas preocupações de um adulto, como a de sustentar irmãos mais novos, e à noite precisa freqüentar uma sala de aula", disse o diretor.

A crise econômica e a relação cidadão e coisa pública foram outros fatores apontados pelo diretor-executivo da FEDF, como agravantes do problema. "O brasileiro tem enraizado o desrespeito pelo o que é público, e na escola não é diferente", constatou o professor.

Violência assusta professores

A falta de "clima de fraternidade e amor" entre alunos e professores é um dos principais fatores que gera a violência dentro das escolas. Essa é a opinião da professora Marta Sintra, presidente do grupo de trabalho, criado em março deste ano pelo governador José Aparecido, para propor alternativas que diminuam a violência nos estabelecimentos de ensino da rede oficial.

Marta acha que a destruição do patrimônio acontece porque o aluno vê a escola como algo desinteressante e pobre. "Sem uma ligação afetiva e o respeito ao professor, o estudante se sente à vontade para destruir, descontar na escola suas ansiedades e frustrações", explica Marta Sintra.

A improvisação pedagógica, para a professora, também alimenta esse tipo de comportamento. "Nosso professor precisa ter consciência de que um aluno carente, muitas vezes, tem as mesmas preocupações de um adulto, e por isso precisa receber uma atenção diferente. As escolas da periferia devem receber da FEDF uma orientação especial", recomenda Marta.

Lazer

O ócio a falta de lazer também colaboram para a violência interna nas escolas, de acordo com observações da professora. "Trabalhei no Núcleo Ban-

deirante e pude perceber que a escola era o único ponto de encontro dos estudantes. Ali, eles davam vazão à toda energia de que dispõem, e na maioria das vezes, ela era canalizada no sentido de destruir a escola", contou Marta Sintra.

A presidente do grupo anti-violência nas escolas, defendeu maior envolvimento de todo o professorado, funcionários e estudantes na prática de valores de disciplina, fraternidade e respeito humano e social — a interação escola - comunidade. Marta é favor ainda da criação de escolas de tempo integral, sem contudo, desvincular os pais da educação de seus filhos. "O maior responsável pela educação são os pais, que por mais carentes que sejam, é necessário que participem", defendeu Marta.

Idéias Novas

Marta Sintra acha que a Fundação Educacional deve se preocupar com o lazer dos seus alunos. "Para facilitar a participação dos pais na educação dos seus filhos, é importante fazer com que eles participem das atividades recreativas, que venham a ser desenvolvidas pela FEDF" disse Marta. Segundo ela, o secretário de Educação, Fábio Bruno, está decidido a implementar alguns projetos, principalmente nas escolas da periferia.